

EXPERIÊNCIA URBANA E CONSTRUÇÃO TEOLÓGICA: UMA INTERPRETAÇÃO A PARTIR DE GRUPOS PENTECOSTAIS EM BRASÍLIA-DF

Sérgio Gonçalves de Amorim¹, Jorge Pinheiro dos Santos (orientador)²

¹Faculdade Teológica Batista de São Paulo/Programa de Pós-graduação – Mestrado em Teologia, Rua João Ramalho, 466 – Perdizes – CEP 05008-001 – São Paulo – SP, amorimsjc@hotmail.com

²jorgepinheiro.sanctus@gmail.com

Resumo- Este artigo diz respeito a uma pesquisa de mestrado em Teologia, na qual estudou-se as relações presentes entre experiência urbana e construções teológicas, a partir de grupos pentecostais em Brasília-DF, em trabalho de campo que realizou-se entre março e junho de 2007. Interessou-se em conhecer algumas das relações existentes entre tais fenômenos sociais (pentecostalismo/urbanização) a fim de compreenderem-se as dinâmicas de construção das percepções do sagrado, e de como estas percepções atuam dialeticamente na composição do espaço urbano. Os referenciais teóricos utilizados em parte vêm da Antropologia Social, num diálogo interdisciplinar com áreas afins como a Arquitetura e Urbanismo, a Geografia, a Política, a Filosofia e a Psicologia Social. Há uma relação dialética entre visão de divindade e a simbolização da realidade urbana, no sentido de que nas construções teológicas se apresentam formas de encaminhamento de parcela da problemática urbana vivenciada pelos grupos pentecostais estudados, de modo que as representações religiosas desses grupos são também parte da construção da própria realidade sócio-espacial da cidade.

Palavras-chave: pentecostalismo, urbanização, representações religiosas, metropolização, cultura urbana.

Área do Conhecimento: teologia, antropologia, arquitetura e urbanismo.

Introdução

Pretendeu-se compreender algumas das relações entre pentecostalismo e a experiência urbana em Brasília-DF e em seu entorno, a partir do contato com alguns grupos pentecostais na região. O trabalho de campo foi realizado entre março e junho 2007.

A maior parte da população brasileira vive em cidades, de modo que, compreender as dinâmicas entre movimentos religiosos e experiência urbana possibilita um maior entendimento sobre a construção social do imaginário e da práxis da sociedade brasileira contemporânea.

A religiosidade é um elemento importante nas construções simbólicas dos diversos extratos sociais da população, e de como cada um desses extratos sociais elaboram os seus conflitos vividos nas cidades brasileiras.

Metodologia

Utilizou-se da análise da composição sócio-espacial e de dados demográficos de Brasília e de algumas das cidades-satélites, na intenção de compor um quadro referencial mais amplo.

Realizou-se uma interpretação dos conteúdos dos cultos e orações e de suas localizações espaciais no tecido urbano, suas implicações ideológicas, teológicas e sociais.

As relações entre experiência urbana e construção teológica, nos remetem a uma reflexão acerca das especificidades do processo de

modernização brasileira, e de como este processo frustra as expectativas teóricas relativas à secularização e o correlato desencantamento do mundo face ao desenvolvimento tecnológico (PASSOS, 2001).

A modernização brasileira, com acelerado processo de urbanização, trouxe um reencantamento do mundo, refletido no crescimento do pentecostalismo no país (ibidem).

A religião nunca esteve em declínio no mundo ocidental, o que ocorreu é que as ciências sociais a perderam de vista como objeto importante de investigação “enquanto estiveram dominadas por uma série de pressupostos evolutivos que consideravam o compromisso com a religião uma força em declínio na sociedade, um resíduo de tradições passadas inexoravelmente erodido pelos quatro cavaleiros da modernidade: secularismo, nacionalismo, racionalização e globalização” (GEERTZ, 2006).

PASSOS (2000, 2001 e 2006) analisa o pentecostalismo em suas diversas fases e denominações, em termos sincrônicos na relação com a metrópole, tomando-a como uma religião tipicamente metropolitano-urbana.

Em termos diacrônicos, o pentecostalismo porta um resíduo da tradição do catolicismo popular brasileiro, além de ser reflexo da passagem do rural ao urbano, e como religião popular, apresenta uma “solução” à contraditória mudança histórica da sociedade brasileira, com o acelerado processo de urbanização, questionando as previsões modernas de secularização e

desencantamento típicas da modernidade (ibidem).

O movimento pentecostal, como uma nova “teogonia urbana” (ibidem) participa do processo de metropolização da cidade, da urbanização do rural e da necropolização da metrópole. O pentecostalismo com elevadas cifras de crescimento e multiplicação acelerada nas periferias das cidades rompe a regularidade do mercado simbólico das religiões cristãs tradicionais, dada sua flexibilidade de adaptação às condições urbanas, voltando-se para as massas (ibidem).

O pentecostalismo é um dos elementos da metropolização no Brasil e “deve ser situado nessa passagem de uma “história lenta da religião” a uma “história acelerada da religião”, quando se verifica um descompasso entre o passado e o presente, entre tradição e inovação. (...) Esse desalinhamento entre processos socioeconômicos constitui num dado fundamental para compreender as mutações históricas no Brasil e, em particular, as mutações religiosas. Sem isso, corre-se o risco de construir falsas linearidades evolutivas que interpretam os fatos isolados em épocas distintas” (PASSOS, 2000, p.121).

As condições específicas da modernização no Brasil estão na base de uma correlata produção simbólica, nos campos da cultura como um todo, e no campo religioso em particular, sendo os movimentos pentecostais emblemáticos nesses processos (PASSOS, 2001).

A metropolização, enquanto nova espacialidade e temporalidade, rompe com formas tradicionais de representações e controles simbólicos, na medida em que vão se compondo as massas urbanas (ibidem).

A metropolização produz um deslocamento nas relações interpessoais, ao firmar o anonimato e solidão. Já o pentecostalismo se torna uma nova forma de produção de identidades que se personalizam e se individualizam, permitindo um movimento entre ser igual e diferente, individualizado e coletivizado, tradicional e novo (ibidem).

O processo de metropolização é dialético, transforma as velhas estruturas simbólicas e de ocupação territorial, apresentando novas hegemonias que se dão de forma híbrida, porque se realizam de modo negociado (ibidem).

A ruptura espacial na metrópole se distancia dos significados simbólicos tradicionais, e passa a exigir em termos religiosos, uma outra capacidade de simbolização que dê conta das novas significações sócio-espaciais (ibidem).

Os grupos pentecostais ajudam na formulação de novos processos simbólicos, compondo uma nova rede de relacionamentos, não mais sanguíneo necessariamente, mas por laços de parentesco espiritual (ibidem).

A localização dos cultos pentecostais no tecido da metrópole estimula nossa reflexão acerca das relações entre construções teológicas e experiência urbana.

As igrejas nos bairros populares fazem parte de uma rede de sociabilidades, centralizadas por igrejas maiores localizadas em grandes áreas da metrópole, reproduzindo uma lógica dos antigos santuários, nos quais eventos significativos dos laços sociais e da fé têm lugar, como casamentos, batizados, etc (ibidem).

“A metrópole – entendida como um processo de apropriação, racionalização e significação do espaço – coloca no mesmo nível de compreensão a produção material e as teogonias (...) As teogonias são tanto instituintes como instituídas pela metrópole; são produtos dos grupos que fazem o grande espaço metropolitano e, uma vez constituídas em seus sistemas, passam a influenciar nas ações dos mesmos grupos dentro desse território e dessa temporalidade” (PASSOS, 2000, p.127).

As transformações que conduzem ao processo de metropolização no Brasil têm como pano de fundo um país rural, que foi referência para o surgimento das manifestações da fé popular concretizadas amplamente no denominado catolicismo popular (PASSOS, 2001).

“O pentecostalismo mostra-se como um formato teogônico próprio da metrópole, que é a configuração de uma cultura em transformação que vai se estruturando com elementos arcaicos e emergentes: nasce de sua contradição entre dominantes e subalternos, vive de seus processos de mudanças espaciais e temporais e compõem-se de seus significados velhos e novos. O resultado é uma religião popular urbana configurada pelas afinidades entre quadros históricos distintos, de resíduos de um passado encantado capaz de sobreviver nos desencantos da metrópole como estratégia de domínio e significação do mundo caótico” (PASSOS, 2000, p.128).

Os conflitos sócio-espaciais presentes na estruturação da cidade influenciam na formação dos grupos pentecostais e, de certo modo, também são influenciados pelos movimentos religiosos que estes representam, na medida que influenciam nos usos e ocupações no espaço urbano, como parte de uma construção social da realidade (PASSOS, 2001).

O pentecostalismo é uma forma de representação e construção da experiência urbana.

Resultados

No caso de Brasília-DF e seu entorno, percebeu-se o quanto é emblemático a relação entre território, poder e religião, tanto para os

moradores da região, quanto para algumas pessoas que exercem cargos no governo, ainda que procedam de outras regiões do país, mas que recorrem a consultas e apoio dos que congregam em algumas igrejas pentecostais e grupos de oração em Brasília e cidades-satélites.

Líderes religiosos pentecostais de outros Estados do país, sobretudo nordeste, vêm para a capital federal e reforçam estes laços e relações sociais. Outro aspecto diz respeito às relações construídas entre os moradores das cidades-satélites e do Plano Piloto, em torno das expressões religiosas e experiências urbanas, visando minimizar-se a segregação sócio-espacial.

Em termos das experiências urbanas da cidade de Brasília e das cidades-satélites de seu entorno, construiu-se um quadro de sua realidade sócio-espacial, que pode ser classificado como um “descontrole planejado” (NUNES e KOHLSDORF, s/d), no sentido de que o processo de produção do espaço urbano da capital federal conduz a segregações que, de certo modo, instituem formas de controle social sobre as populações de menor nível de renda, mantendo-as afastadas da cidade do plano piloto.

As políticas territoriais, a segregação e reprodução das desigualdades sócio-espaciais no aglomerado urbano de Brasília demonstram que esta realidade se estruturou de modo a privilegiar os segmentos populacionais que se encontram na cidade do plano piloto, em detrimento da população que reside nas cidades-satélites, em termos das oportunidades de emprego e níveis salariais (GUIA, 2006).

No que diz respeito à realidade sócio-espacial das cidades-satélites “percebeu-se que as relações sociais entre moradores terminaram por estabelecer grupos sociais homogêneos e/ou heterogêneos, nos quais o fator de união dos habitantes (que pode ser um sentimento, uma necessidade, ou mesmo um modismo) está influenciado por variáveis como faixa de renda e níveis de escolaridade (...) [Há] a construção de uma identidade coletiva a partir dos gostos, costumes e tradições desses grupos, que passaram a criar mecanismos de apropriação sócio-espacial e a estabelecer laços de comunidade – elementos tão caros à construção de um lugar para se viver” (GONZAGA, 2005).

No caso dos grupos pentecostais considerados nessa pesquisa, além desses laços estabelecidos entre membros de uma mesma comunidade, estas relações extrapolam os limites da comunidade local nas cidades-satélites, sendo parte das estratégias desses grupos em suas tentativas de inserção social, através da estruturação de relações com outros grupos pentecostais que congregam na cidade do plano piloto, buscando estabelecer relações que possam contribuir para uma integração social, política e econômica destes

grupos religiosos locais na realidade da cidade do plano piloto, onde se localizam as melhores oportunidades de trabalho e renda.

Discussão

Pode-se observar perante os resultados obtidos, que as construções teológicas pentecostais têm um papel importante nas experiências urbanas na capital federal, na medida que, diante da segregação sócio-espacial que caracteriza este espaço urbano, as práticas dos grupos pentecostais têm se constituído em estratégias de inclusão sócio-cultural, política e econômica de habitantes das cidades-satélites na realidade da cidade do plano piloto.

Os grupos observados eram heterogêneos no que diz respeito às origens sociais e locais de moradia de seus integrantes, propiciando a integração entre estas pessoas de diferentes origens sócio-espaciais.

Pode-se afirmar que na medida dessa integração, as representações religiosas pentecostais contribuem na formação de uma nova territorialidade, e desse modo há uma interação dialética entre experiência urbana (de um tecido sócio-espacial segregado) e as construções teológicas dos grupos pentecostais (que estabelecem novos laços de irmandade espiritual entre seus integrantes).

Nesta relação dialética entre movimentos religiosos e experiência urbana, o papel das igrejas pentecostais pode ser ambíguo.

Por um lado, estas igrejas podem ser um meio da população pensar/encaminhar os conflitos vividos na realidade urbana; mas, por outro lado, talvez haja uma atitude conformista (ainda que de modo não formalizado, e mesmo de forma inconsciente), em termos de uma manutenção da ordem vigente e dos projetos de grupos hegemônicos na cidade, havendo continuidade dos processos de controle e de alienação social das camadas populares.

Têm-se no pentecostalismo na capital brasileira um processo emblemático dessa relação urbanização / construção teológica para o Brasil, dada a expressividade que tal movimento religioso vem adquirindo no país como um todo, e na capital federal em particular.

Nos últimos anos vem crescendo o número de fiéis que se declaram pentecostais, e estes em sua maioria estão nas cidades, sendo que a Assembléia de Deus possui o maior número de participantes desta fé em todo país (PASSOS, 2001; CORREA, 2006).

Além disso, soma-se o fato de que Brasília e seu entorno constituem um processo recente de formação urbana, coincidindo com o processo de passagem de uma sociedade rural para uma sociedade urbana no país.

Brasília foi inaugurada em 1960, possuindo apenas 47 anos de existência, simbolizando este processo de urbanização acelerada e caótica das

idades brasileiras, nas quais os grupos pentecostais vêm se estabelecendo como representativos de uma religião tipicamente urbana no Brasil.

Conclusão

Os movimentos religiosos possuem em Brasília um sentido extremamente emblemático daquilo que é vivido no Brasil de um modo geral, nesta relação entre experiência urbana e construção teológica.

O processo de metropolização presente na capital federal, guardadas as devidas especificidades, representa o que ocorre nas demais regiões metropolitanas do Brasil como um todo.

Buscou-se compreender as relações entre teologia, política e território a partir da realidade da capital do país, tomando-a como metonímia dos processos sócio-culturais que atravessam a sociedade brasileira contemporânea.

No pentecostalismo há a reconstrução de uma realidade sócio-espacial urbana que se estabelece como fragmentada e segregada.

Os grupos pentecostais criam uma nova territorialidade a partir de seus laços de irmandade espiritual, que se opõem à realidade caótica da metrópole.

De certo modo, atualizam-se algumas das questões propostas por MARX acerca da religião ser ou não o ópio do povo, pois a cidade que estes constroem, também os oprime.

E o campo religioso brasileiro parece ter um certo papel importante nessa dinâmica de esclarecimento/alienação das classes populares.

Referências

- CORREA, M. A. O. dos S. Alteração das características tradicionais da Igreja Assembléia de Deus: um estudo a partir da igreja do bairro Bom Retiro em São Paulo: Dissertação de mestrado. São Paulo, PUC-SP, 2006.

- GEERTZ, C. O futuro das religiões: São Paulo, Folha de S. Paulo, Caderno FolhaMais!, 14 de maio de 2006.

- GONZAGA, B. A. E. O planejamento urbano e a cidade real: um olhar sobre o Cruzeiro-DF. Dissertação de mestrado. Brasília, Unb, 2005.

- GUIA, G. A. da. Políticas territoriais, segregação e reprodução das desigualdades sócio-espaciais no aglomerado urbano de Brasília. Dissertação de mestrado. Brasília, Unb, 2006.

- NUNES, B. F. e KOHLSDORF, N. Sociologia do espaço social de Brasília: o descontrolado planejado.

In: Projeto Integrado de Pesquisa – PIP – CNPQ, http://www.unb.br/ics/sol/itinerancias/grupo/brasilmar/espaco_social.pdf, consultado em 22/05/2007.

- PASSOS, J. D. Teogonias urbanas: os pentecostais na passagem do rural ao urbano: São Paulo; São Paulo em Perspectiva, Revista da Fundação SEAD, volume 14/n.º4/out-dez/2000, p.120-128.

- _____. Teogonias urbanas: o renascimento dos velhos deuses. Tese de doutoramento. São Paulo, PUC-SP, 2001.

- _____. Pentecostalismo e modernidade: São Paulo; Religião e Modernidade, Revista Nures, Publicação eletrônica do Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – PUC-SP, edição ano 2, n.º2, jan-abr/2006, consultado em 22/05/2007.